

Resenha

Faria, M. R. (2025).
Neurose, psicose e perversão: Lacan e as estruturas clínicas.
São Paulo: Toro Editora. 174p.

Neurose, psicose e perversão. A atualidade das estruturas na clínica lacaniana

Fernanda de Sousa e Castro Noya Pinto

O que mobiliza a presente resenha é o reconhecimento do valor central da transmissão na psicanálise lacaniana, eixo que atravessa minha trajetória como psicanalista e pesquisadora e que encontra, no livro aqui analisado, uma de suas expressões mais fecundas ao se oferecer como inspiração para o exercício do ato analítico e da transmissão da psicanálise.

Na psicanálise, a transmissão não se reduz à mera exposição de conceitos; ela constitui a sustentação de uma posição ética e de uma experiência encarnada na escuta, na prática clínica e na leitura teórica. É precisamente essa dimensão viva da transmissão – manifesta na interação entre analistas, textos, casos clínicos e contextos de formação – que se evidencia desde as primeiras páginas do livro e que orienta o desenvolvimento da presente resenha. Dessa forma, a resenha se estabelece no ponto de interseção entre um objeto de estudo que considero fundamental e a forma rigorosa e sensível com que a autora o torna operante ao longo de toda a obra.

Na coordenação de grupos de estudo e supervisões, é recorrente observar que determinados operadores teóricos somente ganham eficácia quando inscritos na trama do caso, no ponto de impasse, na mobilização do desejo do analista em formação. É essa articulação viva entre teoria e clínica, na qual o conceito se articula com a prática, que este novo livro lacaniano oferece com rara precisão. Especifica os elementos estáveis e a relação entre eles como modo de reconhecer cada estrutura com rigor teórico, sem deixar de ser transmissão.

O novo livro de Michele Roman Faria é uma leitura imprescindível. Voltado para a clínica, fundamentado na teoria lacaniana em sua raiz, essa definição resume, ainda que de forma concisa, a densidade e relevância do livro não apenas do ponto de vista teórico, mas

* Psicóloga e psicanalista. Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: fernandascp@gmail.com

principalmente pelo impacto clínico das intervenções que uma perspectiva lacaniana como essa possibilita.

É o que encontramos desde a introdução, que se abre com uma dedicatória a Alejo (Alejandro Viviani), psicanalista argentino que viveu no Brasil até seu falecimento recente, em 2023. Referência de formação da autora e da resenhista, que participaram dos grupos de estudos de Freud coordenados por ele, Alejo é também referência do projeto de transmissão à qual a própria autora se dedica há mais de 30 anos, conduzindo grupos de estudos sobre a teoria lacaniana. O leitor é imediatamente tocado por essa marca do valor da transmissão desde a dedicatória, em que se inscreve algo do essencial que retorna como gesto teórico-clínico e, simultaneamente, ilumina o que há de mais crucial em nossa prática. Profundamente lacaniano.

O texto de apresentação do livro é de Christian Dunker, que, em seu estilo caracteristicamente marcado pela articulação entre psicanálise e filosofia, oferece uma leitura minuciosa e instigante do livro, na qual ressalta a precisão teórica e a originalidade com que a Roman Faria revisita a noção lacaniana de estrutura clínica.

Logo após essa apresentação, o livro se organiza em uma introdução – “Do fenômeno à estrutura” – e cinco capítulos: “Castração simbólica: do complexo de Édipo à metáfora paterna”; “Neuroses: histeria, neurose obsessiva e fobia”; “Perversões”; “Psicoses”; e “Interpretação: neurose e interpretação, perversão e interpretação, psicose e interpretação”. A obra se encerra com a conclusão, intitulada “Atualidade clínica das estruturas”.

Essa forma de organizar o tema para o leitor traz, simultaneamente, leveza em seu estilo e densidade em seu conteúdo, com uma didática rara na literatura psicanalítica lacaniana, frequentemente marcada por um estilo excessivamente rebuscado. Trata-se de uma escrita que “transmite” no sentido rigoroso da psicanálise; ou seja, faz passar não apenas os ensinamentos lacanianos, mas também sustenta um lugar onde o desejo do analista se transmite na própria tessitura da escrita.

Uma recomendação aos leitores: não negligenciem as notas de rodapé. Algumas são verdadeiros achados. Destaca-se a nota sobre “fazer um com o Outro” nas relações amorosas (Faria, 2025, p. 31), ponto sensível que comparece nas formas que caracterizam o sofrimento, a demanda e a idealização históricas. Também merecem destaque as notas que relacionam a demanda de amor na histeria ao temor da perda do amor parental (Faria, 2025, p. 33, 62). No capítulo sobre a neurose obsessiva, há notas que lembram a afinidade entre a superstição obsessiva e a psicose (Faria, 2025, p. 77), a relação entre a depressão e o desejo impossível da neurose obsessiva (Faria, 2025, p. 75), a diferença entre o aprisionamento temporal no passado da neurose obsessiva e o aprisionamento temporal no futuro da fobia (Faria, 2025, p. 79).

Destaco também o parágrafo sobre o “ser da necessidade”, no capítulo 1 (Faria, 2025, p. 26), particularmente poético:

O primeiro tempo é lógico, portanto, miticamente construído, e a unidade de gozo incestuosa com o Outro, suposta correspondência entre demanda e satisfação, deve ser considerada, nessa perspectiva, como “totalmente inexistente” (Lacan, 1958-59/1999, p. 154 como citado em Faria, 2025, p. 32, grifo da autora).

[...]

É como fantasia, portanto, que o incesto tem lugar para a psicanálise, função psíquica de um ideal de satisfação que serve de suporte ao desejo. Seu valor como acontecimento histórico é nulo, ainda que seu papel psíquico seja central na estruturação do desejo, no sentido de que “a fantasia é o suporte do desejo” (Lacan, 1958-59/1999, p. 139 como citado em Faria, 2025, p. 32).

O modo como a autora apresenta o “ser da necessidade”, relacionando-o a um tempo mítico paradisíaco, revela a lógica temporal lacaniana da retroação na constituição do sujeito, além de esclarecer que se trata de uma hipótese teórica, não histórica, sustentando os passos lógicos subsequentes que permitem compreender o sujeito e sua posição na linguagem.

Sabemos que a constituição do sujeito se organiza retroativamente pela operação significante; sabemos também que aquilo que nossos analisantes dizem participa dessa mesma lógica: cada narrativa, cada cena evocada, cada explicação sobre si constitui um mito singular, uma construção necessária para que o sujeito tente dar consistência ao seu lugar na linguagem. Reconhecer isso impede a afobação interpretativa e nos orienta a escutar o mito de cada um não em sua veracidade empírica, mas naquilo que se revela do funcionamento estrutural. Assim, a leitura proposta pela autora não apenas ilumina um ponto lógico da teoria lacaniana, mas também afina a posição clínica, uma posição que acolhe a ficção operatória do sujeito como via de acesso ao que, na estrutura, insiste e se repete.

Há ainda uma abordagem delicada e precisa do autoerotismo e notas que exploram a dimensão RSI do objeto de satisfação e a questão do “quem sou” nas neuroses (Faria, 2025, p. 46). Destaco da obra hipóteses sobre a necessidade das provas de amor no capítulo sobre a histeria (Faria, 2025, p. 60); a proximidade entre desejo impossível e insatisfação no capítulo sobre a neurose obsessiva (Faria, 2025, p. 78); e a distinção entre a preexistência da linguagem a todo nascimento e a operação de inscrição psíquica no campo da linguagem que constitui o sujeito no capítulo da castração (Faria, 2025, p. 31). Destaco ainda articulações precisas, como a distinção entre sintoma fóbico e estrutura da fobia pelo paradigma da relação entre angústia, castração e sintoma (Faria, 2025, p.94).

Em especial no que se refere à fobia – estrutura frequentemente negligenciada –, o livro oferece uma leitura de sua relação com o tempo futuro, conferindo-lhe grande valor clínico. Trata-se de compreender o tempo futuro não como um fenômeno que determine a estrutura, mas como um modo estrutural pelo qual o sujeito se vincula ao porvir, cuja singularidade pode operar de maneira particularmente fecunda na direção do tratamento.

Em relação a confusões conceituais, poderíamos imaginar a escritora de histórias infantis Eva Furnari divertindo-se ao incluir, no clássico *Não confunda* (Funari, 2001), alguns tópicos esclarecidos ao longo do livro de Michele Roman Faria:

- Não confunda os fenômenos que são narrados com os elementos que determinam uma estrutura;
- Não confunda a presença de manifestações típicas, normalmente ligadas a uma ou outra estrutura, com o funcionamento estrutural;
- Não confunda castração como impedimento em si com a barreira quase natural que faz de um ser da necessidade um sujeito barrado;
- Não confunda o mito edípico com o que há de simbólico nele;
- Não confunda atualidade clínica com a clínica na atualidade;
- Não confunda o diagnóstico de autismo (da psiquiatria) com estratégias bem-sucedidas de negação do desejo na neurose obsessiva (da psicanálise);
- Não confunda o diagnóstico de TOD (da psiquiatria) com saídas sintomáticas neuróticas (da psicanálise);
- Não confunda o diagnóstico de síndrome do pânico (da psiquiatria) com o estado de suspensão do sujeito da fobia (da psicanálise);
- Não confunda o trauma que produz sintoma com o real circunscrito simbolicamente como traumático.

– Por fim, não confunda a leitura de coordenadas estruturais com a certeza dos manuais. Se há algo que a autora não propõe é a transformação dessa inspiradora orientação teórica de Lacan em um manual dogmático.

No final de cada capítulo, o leitor se depara com: roteiros de leitura, sugestões de filmes e recortes de cenas que fazem a clínica ganhar vida no cotidiano, como um exercício prático de escuta e elaboração.

Vale mencionar a resposta elegante e firme da autora aos críticos que consideram o estrutural em Lacan ultrapassado:

Enquanto as expressões sintomáticas, as novelas familiares, os mitos que dão consistência a cada relato clínico trazem, inevitavelmente, as marcas sociais, culturais e até mesmo linguageiras de cada época – impondo à clínica o desafio da variedade infinita de novos fenômenos a exigirem da psiquiatria uma constante renovação de seus manuais e diagnósticos – o pensamento estrutural de Lacan permite isolar, dos mesmos fenômenos, coordenadas estáveis que, articuladas, definem modos de funcionamento, tornando possível estabelecer parâmetros atemporais para o manejo e a direção do tratamento psicanalítico (Faria, 2025, p. 19).

A delicadeza com que a autora descreve o surgimento do sintoma fóbico de Hans, relacionando-o às crises de choro e angústia, é notável. O cavalo emerge como explicação evidente de que o sintoma tem uma função, gerando um comovedor respeito na abordagem das saídas sintomáticas estruturais não apenas na fobia, mas em todas as estruturas.

Além da conhecida posição da autora de que a psicose é uma estrutura, e não uma maldição, o livro apresenta rigor teórico equivalente em relação à perversão, com clareza e didatismo notáveis, constituindo um verdadeiro guia para a prática psicanalítica lacaniana.

Outro destaque do livro é a reafirmação da centralidade do complexo de Édipo não como evento histórico, mas como construção mítica, cuja potência se manifesta nas estruturas do desejo e do gozo. A autora oferece um percurso teórico denso que sintetiza, em poucas páginas, o essencial dos conceitos de desejo, demanda e fantasma, que certamente despertará no leitor menos familiarizado com Lacan o desejo de lê-lo diretamente.

O leitor é conduzido com precisão e sensibilidade teórica, capítulo a capítulo, ao essencial de cada conceito, de cada estrutura clínica e a hipóteses para a intervenção clínica. A autora desmonta a ideia de que o incesto no primeiro tempo do Édipo seria uma experiência vivida a ser superada, evidenciando a atemporalidade da relação entre gozo e “suposto incesto”, resgatando o valor lógico e estrutural da temporalidade mítica do gozo primitivo incestuoso entre mãe e filho.

O esforço para desmontar os chamados “mitos psicanalíticos”, como a perda de validade do Édipo na clínica atual ou a ideia de que as estruturas pertencem apenas à primeira clínica de Lacan, percorre toda a obra.

Trata-se, ainda, de um livro que explicita, com clareza, a distinção entre as formas de desejar, de gozar, de se angustiar e de se relacionar com o Outro em cada estrutura, iluminando a neurose como a estrutura da questão, distinguindo as formas típicas do desejo na histeria, na fobia e na neurose obsessiva (insatisfeito, prevenido e impossível) e inspirando intervenções.

Para lacanianos que apreciam aforismos, o livro é um deleite: “não há relação sexual”, “o que quer uma mulher”, “a verdade tem estrutura de ficção”, entre outros.

No capítulo sobre a neurose, a citação de Lacan sobre sermos “mal-entendidos” é exemplar: “o que são vocês senão mal-entendidos? [...] Trauma, não existe outro: o homem nasce mal-entendido” (Lacan, 1980/2022 como citado em Faria, 2025, p. 154). Que sigamos assim: sem

grandes entendimentos. Como diz Lacan: “somos sujeitos supostos saber... não grande coisa” (Lacan, 1972-73/1985).

É com prazer que aqueles que conhecem a transmissão da autora reencontrarão seu famoso “passo a passo” para o manejo clínico da psicose, bem como o esquema original que ela propõe para servir de guia de leitura dos três tempos lógicos do complexo de Édipo (Faria, 2025), formulados por Lacan no *Seminário 5*, (1957-59/1999) e o esquema do manejo clínico da angústia e sua relação com o fantasma e o objeto *a* (Faria, 2025). Mais do que seguir o que a autora faz, trata-se de inspirar-se em como ela faz – como dizia Lacan. Esses esquemas aparecem como inspiração, mais do que instrução.

Em outras palavras, enganam-se aqueles que creem que a neurose seria a estrutura da saúde, enquanto a psicose ou a perversão representariam necessariamente a patologia. Ao contrário, cada estrutura oferece um modo singular de laço com o Outro e um estilo próprio de tratamento do real, o que exige do psicanalista uma leitura fina e não hierarquizante. Trata-se, assim, de reconhecer a singularidade de cada posição subjetiva, sem reduzir a diferença estrutural a gradações de normalidade.

Alguns excertos são particularmente relevantes para se fazer distinções:

No capítulo sobre a histeria (Faria, 2025, p. 63):

Afirmar que “a mulher não existe” foi a estratégia de Lacan para recolocar esse impasse insolúvel no devido lugar. Nesse sentido, o passo lacaniano que define a função do real como causa daquilo a que o simbólico empresta sua estrutura foi, de certa forma, aberto pelas históricas, com sua insistência em mostrar que não há significante capaz de responder pelo lugar da mulher, função lógica de um enigma insolúvel que é o fundamento do real.

No capítulo sobre a castração simbólica (Faria, 2025, p. 33):

E assim, com Lacan, o incesto edipiano deixa, definitivamente, o lugar de acontecimento histórico para assumir seu papel na temporalidade retroativa que dá ao gozo sua função lógica, função mítica de um gozo incestuoso “anterior” ao corte que inscreve o sujeito no campo da linguagem.

Ou seja, não se trata de amar a mamãe e rivalizar com o papai.

E, no mesmo capítulo (Faria, 2025, p. 39):

É a metáfora paterna, portanto, que faz “surgir a função do falo como signo da ‘paixão do significante’ (Lacan, 1970/2003, p. 396). É dela que resulta o falo como eixo do sentido edipiano do desejo – significação do falo, *Bedeutung des Phallus*, é ela que condiciona, por sua presença, toda a cadeia do sentido.

No capítulo sobre a neurose: “O falo não é o pênis, ele é o eixo da dialética que dá, ao real da interdição do gozo que caracteriza a satisfação pulsional, um destino simbólico” (Faria, 2025, p. 49). É o que permite sustentar que a lógica fálica é recurso para leitura diagnóstica clínica psicanalítica.

Em tempos de fenômenos clínicos cada vez mais complexos e intensos, Michele Roman Faria nos convida, com delicadeza e rigor, a retomar os casos clínicos clássicos (caso Dora, Homem dos Ratos, Caso do pequeno Hans, texto delirante de Schreber e o fetiche do “brilho no nariz”) não como relíquias, mas como referências de funcionamento estrutural dos quais se pode isolar os operadores clínicos que iluminam o estrutural como eixo essencial da prática psicanalítica. A obra devolve à psicanálise a densidade de suas questões fundantes, sem reduzi-la a datas, modismos ou dogmas.

O livro *Neurose, psicose e perversão: Lacan e as estruturas clínicas* é, antes de tudo, um gesto de transmissão no sentido mais rigoroso e, ao mesmo tempo, mais vivo que a psicanálise pode ter. Ao retomar a noção de estrutura clínica sem ceder ao didatismo nem às pressões da fragmentação contemporânea, a autora reafirma a aposta em uma psicanálise que se transmite pelo pensamento em ato e pela ética do desejo. Cada página faz o leitor experimentar o que significa pensar com a psicanálise, deixando-se afetar por ela. Assim, este livro não apenas discorre *sobre* a psicanálise – ele *faz* psicanálise, porque transmite não um saber pronto, mas o próprio movimento que a funda: o de reescrever, incessantemente, o que é escutar o sujeito.

No entanto, mais do que acompanhar esse gesto, encontro no livro uma interlocução com questões ligadas especialmente à tese de que as estruturas não são categorias hierarquizantes, mas modos específicos de inserção na linguagem (Pinto, 2014). A leitura proposta no livro, ao recolocar a questão estrutural em sua articulação com o inconsciente e com o laço com o Outro, permite reconhecer que neurose, psicose e perversão não se distribuem em um eixo valorativo, mas delineiam diferentes maneiras pelas quais o sujeito faz existir a linguagem, sustenta um saber e constrói uma resposta ao desejo do Outro. Assim, longe de reafirmar dicotomias entre saúde e patologia, o livro oferece elementos para recolocar a estrutura em seu terreno mais fecundo: o de guia para a intervenção clínica, e não o de rótulo classificatório. Desse modo, contribui para reabrir um debate essencial à prática psicanalítica contemporânea, ao mesmo tempo em que sustenta um diálogo produtivo com pesquisas que, como as minhas, insistem na necessidade de tratar cada estrutura como um modo singular de habitar a linguagem, sem hierarquias, sem normatividade e sem juízos de valor, mas não sem rigor teórico.

O livro encontra na escrita a própria ética da escuta, uma escuta sustentada por um desejo que não visa ao bem nem à adaptação, mas à criação. Nesse movimento, ética, transmissão e escrita formam o circuito da psicanálise que ali se encarna, articulando-se de modo contínuo: uma escuta que produz uma escrita, uma escrita que causa desejo e um desejo que, por sua vez, convoca o leitor à criação.

Estou de acordo com Christian Dunker que, no final de sua apresentação sobre o livro, reconhece nele o gesto, a força criativa e a vitalidade da psicanálise brasileira. O percurso teórico e clínico de Michele Roman Faria se condensa aqui como uma forma viva de transmissão, aquela que mantém pulsante o laço entre teoria, clínica e desejo e que faz da psicanálise não uma herança, mas uma criação contínua.

Seguimos, nós, psicanalistas, na tarefa, por vezes solitária, muitas vezes silenciosa, de buscar o que há para além. É preciso sustentar a tensão entre o estrutural que orienta e o desestruturante que cria; entre a leitura rigorosa dos ensinamentos e o estilo singular que cada analista imprime em sua transmissão. É nesse espaço que a psicanálise se faz viva, onde o rigor não anula a invenção: uma prática em que a escuta, a escrita e o desejo do analista se transmitem, permitindo que a teoria inspire criação e que a criação, por sua vez, ilumine a teoria.

Referências

- Faria, M. R. (2025). *Neurose, psicose e perversão: Lacan e as estruturas clínicas*. São Paulo: Toro Editora.
- Furnari, E. (2001). *Não confunda*. São Paulo: Moderna, 2001.
- Lacan, J. (1957-59/1999). *Seminário 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1972-73/1985). *Seminário 20: mais ainda*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar.

Pinto, F. de S. C. N. (2014). *A transferência e seus efeitos de saber* (Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo). Recuperado de <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-26012015-084402/pt-br.php>

Revisão gramatical: Reinaldo Rodrigues.

E-mail: revisão@tikinet.com.br

Recebido em outubro de 2025 – Aceito em novembro de 2025.